

# LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO

MSDA. PAULA NUNES CHAVES

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação  
Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN

MS. IVANA LÚCIA DA SILVA

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN  
Professora do Instituto Federal de Educação,  
Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

DRA. ROSIE MARIE NASCIMENTO DE MEDEIROS

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN  
Professora do Departamento de Educação Física  
da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN

**Resumo** | Este relato é produto de uma prática pedagógica do conteúdo lutas balizada nas três dimensões do conteúdo realizada durante o estágio supervisionado IV. Foram aplicadas quatro aulas de Educação Física para o 2º ano do Ensino Médio do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia - Campus Central – localizado em Natal/RN no mês de novembro de 2013. Foram planejadas duas aulas de karatê e duas de boxe alicerçadas na concepção de aulas abertas à experiência que preconiza possibilidades e criações de movimentos. Apontamos a possibilidade de inserção efetiva das lutas enquanto conteúdo da Educação Física escolar, independente da formação acadêmica e pessoal do professor, bem como a ampliação da aprendizagem para além da técnica, englobando criticamente aspectos socioculturais das lutas.

**Palavras-chave** | Lutas; Educação Física Escolar; Dimensões do Conteúdo.

## INTRODUÇÃO

O relato de experiência presente nesse escrito resulta de uma prática pedagógica de lutas balizada nas três dimensões do conteúdo (procedimental, conceitual e atitudinal), que se estendeu durante quatro aulas de Educação Física aplicadas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRN) – Campus Central – localizado na cidade de Natal/RN no mês de novembro de 2013. A prática pedagógica é resultado da disciplina Estágio Supervisionado Obrigatório IV, ofertada para os graduandos em Educação Física (Licenciatura) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Essa disciplina é de caráter obrigatório e objetiva proporcionar a atuação docente dos graduandos nas séries do Ensino Médio através do planejamento conjunto com o professor que está atuando na escola e com os orientadores acadêmicos.

No campo de estágio, o processo se dá, primeiramente, com a observação da turma e das aulas do professor regente. Após esse momento, o aluno estagiário constrói os planos de aula de forma conjunta com o professor regente, discutindo-o também com o orientador acadêmico nas reuniões sistematizadas da disciplina, que ocorrem geralmente, a cada 15 dias, para avaliar o andamento do estágio. Depois desse planejamento, as aulas são ministradas pelo graduando estagiário sob a supervisão do professor regente, que funciona como mediador, quando necessário. E, por fim, as aulas realizadas são descritas no relatório de estágio, e a experiência é socializada ao final da disciplina com os outros alunos. Destacamos aqui, a importância da professora regente no processo do estágio aqui descrito, realizando o planejamento das aulas com a estagiária sempre após os encontros iniciais de observação da turma, apontando possíveis falhas e dando contribuições para os planos de aula. Para além do planejamento, sua observação crítica da prática pedagógica realizada pela aluna estagiária, bem como a discussão das dificuldades encontradas, dos limites e dos êxitos das aulas ministradas foram imprescindíveis para a experiência de aprendizado pedagógico e didático, que é o grande objetivo do estágio.

Ao principiar o relato é preciso destacar que essa experiência configura-se enquanto tentativa de romper com o esquecimento frequente do conteúdo lutas nas aulas de Educação Física escolar, tendo em vista que, como nos fala Nascimento e Almeida (2007) as lutas aparecem na instituição escolar por realizações de terceiros, através de oficinas, voluntariado, ou outras iniciativas desvinculadas da disciplina Educação Física na escola. Para além de inserir as lutas efetivamente enquanto conteúdo, a experiência pretendeu também superar uma perspectiva reducionista desse conteúdo atrelado unicamente à dimensão procedimental, à aquisição de técnicas corporais precisas voltadas para competições escolares, primando pelo rendimento em detrimento dos aspectos socioculturais que envolvem o universo das lutas.

No decorrer do texto, apresentamos o cenário no qual se sucedeu a experiência, descrevendo o processo de planejamento, aplicação das aulas, seus resultados e reverberações para pensar o conteúdo lutas nas aulas de Educação Física no Ensino Médio.

### **CENÁRIO DA PRÁTICA**

As aulas foram ministradas para uma turma do 2º ano do Ensino Médio do curso técnico em informática do IFRN-Central, turno matutino, composta por 34 meninos e 09 meninas. Foram planejadas duas aulas de karatê e duas de boxe, executadas em dois encontros, o primeiro se sucedeu na sala de lutas, enquanto o segundo aconteceu na sala de dança, ou seja, a intervenção durou duas semanas devido à carga horária semanal de duas aulas que, no caso da turma em questão aconteciam no mesmo dia e em horários seguidos.

Ao centrarmos nossa atenção no planejamento e na escolha do conteúdo, temos que, para além das lutas fazerem parte do conteúdo programático da escola para o segundo ano, outros fatores influenciaram esta escolha, a saber: a tematização de um conteúdo não hegemônico nas aulas e à contraposição aos obstáculos colocados para as lutas na Educação Física escolar. Ao versar sobre a temática, Darido e Rosário (2005)

apontam as lutas entre as atividades com pouca tradição no universo da Educação Física na escola. Nesse sentido, autores como Nascimento e Almeida (2007); ao tematizarem a pouca recorrência das lutas na Educação Física escolar em seus escritos, destacam a falta de vivência dos professores com as lutas em sua vida pessoal bem como no âmbito da formação acadêmica como um dos principais obstáculos. Somatizamos também a ênfase no aspecto técnico e de treinamento para a formação de atletas na escola, sem legitimação enquanto conteúdo da Educação Física. E foi na tentativa de romper com esses aspectos acima, que ousamos experienciar as lutas com os alunos.

Nessa direção, ao justificarmos essa ousadia, bem como a escolha pelas modalidades de karatê e boxe dentro do vasto conjunto das lutas, destacamos a importância da vivência de experiências exitosas em ambas as lutas durante a formação inicial na graduação. No caso do karatê, apontamos uma disciplina optativa intitulada “metodologia do karatê”, que foi cursada no semestre anterior ao estágio, dando possibilidades para atuação no campo da Educação Física escolar. Quanto ao boxe, sua escolha se deu pela vivência mais pontual de uma aula dentro da disciplina optativa consciência corporal, cursada de forma concomitante ao estágio.

## **EXPERIENCIANDO O CONTEÚDO LUTAS NO ENSINO MÉDIO**

Considerando o quadro histórico recente apontado por Darido e Rosário (2005) da priorização da dimensão procedimental dos conteúdos nas aulas de Educação Física, em detrimento dos conceitos e atitudes, ao planejarmos as intervenções do conteúdo não hegemônico lutas na escola, atentamos para a construção de intervenções que contivessem as três dimensões do conteúdo (conceitual, procedimental e atitudinal), entendendo a importância das mesmas para a formação integral do educando.

Ao nos reportarmos ao primeiro encontro, que ocorreu no dia oito de novembro na sala de lutas do IFRN, temos que inicialmente foi realizada uma conversa sobre a história do Karatê Do, seus lemas e competições

com a passagem de alguns vídeos de kumite<sup>1</sup> e kata<sup>2</sup>, sempre considerando os conhecimentos prévios dos alunos, predominando a dimensão conceitual. Estes responderam que achavam que o Karatê tinha se originado na China e, a partir do que os alunos falavam realizávamos a mediação com os aspectos históricos desta arte marcial, sua origem japonesa, precursor, chegada no Brasil, seus lemas e aspectos filosóficos. Esse último item foi interessante para provocar os alunos sobre a importância dessa filosofia, do respeito para com o adversário e o quanto esses aspectos ainda estão sendo ou não preconizados nas práticas marciais na atualidade.

Após esse momento, passamos um trecho do filme *Karatê Kid*, no qual o personagem senhor Myagui, explica que: *Quando karatê é usado somente para conseguir troféu de plástico, karatê não significa nada*. Os alunos concordaram com tais aspectos, discutindo sobre a questão da competitividade excessiva e do esquecimento dos aspectos filosóficos das lutas e fazendo uma analogia com o MMA e seus aparatos mercadológicos, estabelecendo assim, a predominância da dimensão atitudinal.

Ao final dessa primeira parte, transversalizamos o conteúdo lutas com o conhecimento sobre o corpo, ao questionarmos se eles sabiam o que acontecia com a frequência cardíaca quando praticamos alguma atividade física. Eles responderam que aumentava, mas não sabiam explicar o motivo. Explicamos brevemente sobre e realizamos o procedimento de aferição “em repouso”. Então, deu-se início à parte da aula na qual predominava a dimensão procedimental através da vivência dos jogos pré-desportivos para as lutas. Esses jogos são importantes na medida em que incorporam elementos do esporte e proporcionam maior equidade entre os alunos, colaborando para um maior respeito às individualidades, corroborando também com o plano atitudinal (NASCIMENTO e ALMEIDA, 2007). Esse Fato pode ser observado na vivência dos alunos pela participação massiva dos mesmos, inclusive das meninas que no Ensino Médio sempre se esquivam das experiências corporais.

---

1. Combate propriamente dito.

2. Formas sequenciais de movimentos, luta com adversário imaginário.

Nesse sentido, no primeiro jogo solicitamos que cada aluno enchesse um balão e amarrasse no tornozelo com um barbante, e explicamos que nas lutas, e especificamente no karatê, é imprescindível saber atacar e defender-se, prestar atenção no adversário, no outro, e que por isso, no jogo era preciso tentar estourar o balão do outro e tentar proteger o seu ao mesmo tempo. Após esse jogo, entregamos dois pegadores de roupa para cada um e solicitamos que colocassem na camisa, clarificando que a brincadeira consistia em tentar pegar o maior número de pegadores e proteger os seus.

Logo após a vivência dos jogos pré-desportivos, aferimos novamente a frequência cardíaca e os alunos ficaram surpresos com o aumento significativo da mesma, perguntamos a eles porque isso acontecia e eles responderam que quando se corre ou se faz alguma atividade física, cansamos mais e a frequência aumenta. Então, explicamos o processo de forma mais aprofundada e perguntamos também qual jogo foi mais fácil, eles responderam o do balão, porque os pegadores são menores e, conseqüentemente mais difíceis de pegar. No entanto, foi perceptível que os alunos gostaram de ambos os jogos e foram envolvidos pelo lúdico.

O momento seguinte da aula consistiu na vivência dos fundamentos básicos do karatê. Iniciamos mostrando as bases e falando da importância das mesmas para as lutas, para o karatê e inclusive para a vida, influenciando no nosso equilíbrio corporal. Posteriormente, vivenciamos os tipos de socos, defesas e chutes básicos do karatê. É preciso destacar que não havia preocupação com a execução de uma técnica perfeita, na contramão dessa perspectiva objetivávamos que os alunos vivenciassem cada um à sua maneira, essa exploração e experiência corporal. É nesse sentido que nos aproximamos da concepção de aulas abertas à experiência, nas quais “É dada ao aluno a tarefa de buscar as diversas possibilidades de movimento” (HIRAI, CARDOSO, 2006, p.119), diversidade essa que balizou nossa intervenção.

No fim da aula, solicitamos que os alunos fizessem silêncio e se deitassem de forma confortável no tatame, esquecendo os problemas, tentando ouvir seu corpo e o silêncio do ambiente. Pedimos que fechassem

os olhos e fossem relaxando os músculos dos pés, pernas, braços, tórax, cabeça, enfim, que relaxassem o corpo inteiro, falando da importância de na correria diária, conseguir proporcionar um momento de relaxamento, de escuta de si e do outro, fato que as lutas também ensinam. Ao final da aula indagamos o que eles acharam e nos surpreendemos ao perceber que eles gostaram bastante da aula, e que se propuseram a vivenciá-la.

Nesse sentido, corroboramos com o pensamento de Cantanhede et al (2010) ao observar que não devemos trabalhar apenas as capacidades físicas relacionadas ao karatê. Para além destas, precisamos atentar para as capacidades de autoconhecimento corporal proporcionado pela vivência, bem como utilizar o karatê para refletir e debater sobre uma série de temáticas que envolvem essa arte marcial, como, por exemplo, questões concernentes à saúde, ao gênero, violência, respeito, etc.

Outro aspecto a ser destacado da primeira intervenção que também se repetiu na segunda consiste no fato de que as três dimensões do conteúdo não se encontram separadas, embora em alguns momentos uma ou outra dimensão predomine em detrimento das demais; conceitos, atitudes e procedimentos se interpelam, se associam e se transversalizam na tentativa de construir um conhecimento significativo e coerente.

No segundo encontro que aconteceu na semana seguinte, ministramos duas aulas sobre boxe e sua relação com o gênero. A estratégia nesse encontro foi semelhante ao anterior, iniciamos com a predominância da dimensão conceitual por meio de uma conversa sobre alguns aspectos históricos e curiosidades sobre o boxe. Passamos um vídeo de Bruce Lee, no qual ele fala sobre as artes marciais como expressão de si mesmo, argumentando que desacredita nos estilos e divisões por pensar que cada pessoa tem seu estilo de lutar. Os alunos gostaram bastante do vídeo e um deles falou sobre o boxe chinês, tailandês, questionando qual iríamos vivenciar. Respondemos que iríamos vivenciar o básico do boxe geral, tendo em vista que não tínhamos grande experiência de vivência no boxe e que também não nos prenderíamos aos estilos ou técnicas corretas e

perfeitas, por acreditar, assim como Bruce Lee, que cada um se expressa na luta de uma forma diferente. Além desse vídeo inicial, foi passado também um vídeo que mostrava os aspectos e movimentos básicos do boxe que seriam vivenciados posteriormente.

Após esse momento inicial, passamos para a vivência prática dos movimentos básicos desta arte marcial. Fizemos uma roda, na qual foi solicitada que cada aluno criasse e realizasse um alongamento. Destacamos que muitos alunos repetiram alongamentos já conhecidos, enquanto outros criaram formas de se alongar, sem regras pré-estabelecidas como de costume.

Após o alongamento, ficamos de frente para o espelho e iniciamos a vivência das bases, guarda e socos básicos do boxe (Jab, direto e cruzado), realizando a diferenciação desses movimentos em comparação com o karatê vivenciado no encontro anterior. Aprendemos cada um dos socos individualmente e depois em sequência. A recordação da aula anterior é importante para nos certificar que estamos realizando um trabalho contínuo, sequencial e sistematizado.

Percebemos que alguns alunos tinham mais dificuldade de realizar os movimentos de soco, principalmente no tocante à coordenação e ritmo dos movimentos, no entanto, todos tentavam fazer à sua maneira, o que mostra que estavam dispostos a vivenciar uma prática de luta diferente.

Após a vivência individual dos fundamentos básicos e de explanar e praticar o movimento de esquiva, caracterizado enquanto defesa no boxe, foi solicitado que os alunos praticassem em duplas os socos e o movimento de esquiva, tomando cuidado com o ritmo e combinando com o colega quem iria socar primeiro para que ninguém se machucasse, criando um pequeno combate. Neste momento percebemos o quanto esse espaço de criação instigou os alunos que se empolgaram querendo utilizar todos os movimentos vivenciados na aula a partir de seu repertório e do repertório do outro, respeitando-o e ajudando-o. Ao final, perguntamos o que eles acharam da aula, se gostaram mais do boxe ou do karatê, e as opiniões

foram bem divididas nesse último quesito. Eles destacaram também o contentamento em conhecer e experienciar essas duas manifestações da cultura de movimento, tendo em vista que apenas um aluno já havia praticado o karatê e nenhum tinha vivência no boxe.

Ao final do segundo encontro passamos o trailer de três produções cinematográficas, a saber: *Menina de Ouro* (2004), *Billy Eliot* (2000) e *Beautiful Boxer* (2004), seguido de uma breve discussão. Perguntamos aos alunos se eles conheciam os filmes e o que eles tinham em comum. A maioria conhecia os dois primeiros, no entanto ninguém conhecia a história do transexual lutador contada em *Beautiful Boxer*. Eles falaram que os filmes versavam sobre boxe/esporte e preconceito, e a partir do discurso deles discutimos e conversamos um pouco sobre a generificação das práticas corporais e das lutas, principalmente do boxe e a relação deste processo com a sexualidade e os estigmas destinados à mulher praticante de boxe tendo em vista que “o próprio esporte, em geral, em sua origem é uma prática social essencialmente masculina, e nesse contexto, o boxe aparece como expressão máxima dessa afinidade” (ARAÚJO, CHAVES, 2013, p. 4).

Um fato interessante, que talvez seja reflexo da falta de discussão sobre essas temáticas na escola e mais profundamente na própria área da Educação Física, foi a não presença de meninas da turma no segundo encontro. Elas participaram da primeira aula, no entanto, não compareceram na seguinte sobre o boxe. Provavelmente e infelizmente o boxe tenha as afugentado. Outro fator que pode ter influenciado nesse quadro foi o segundo encontro ter ocorrido no contra turno como aula extra.

Contudo, a professora titular da turma nos revelou a dificuldade de participação das meninas nas aulas independente do conteúdo, de forma que os meninos são sempre mais presentes e participativos, fato este, que percebemos nitidamente nas aulas. Essa problemática é recorrente no Ensino Médio e decorre de inúmeros aspectos que causam desmotivação, alguns deles apontados por Martinelli et al (2006), como, por exemplo, insatisfação com os conteúdos, cobrança pela técnica e competitividade,

apresentação das modalidades esportivas sob a forma de jogo e falta de atribuição de significado à disciplina.

Nessa direção, apontamos enquanto fator positivo a participação ativa das meninas na primeira aula, nos jogos pré-esportivos e vivência dos gestos técnicos do karatê. No tocante à ausência das mesmas na aula seguinte, podemos depreender que o processo de inclusão e participação do gênero feminino em práticas corporais atreladas culturalmente ao universo masculino e na própria Educação Física escolar no Ensino Médio é bastante complexo. Nesse sentido, como nos fala Tibúrcio (2008), aspectos naturalizados na cultura como os que atrelam às identidades masculinas a característica da força e à mulher atributos como sensibilidade e fragilidade ainda produzem hierarquias e estigmas com os quais nos confrontamos no cenário atual das aulas de Educação Física.

Nesse sentido, registramos que o processo de reversão desse quadro demanda uma construção gradativa, com práticas pedagógicas e corporais, estratégias e discussões que levantem essa problemática tanto no âmbito da Educação Física na escola quanto no espaço de discussões acadêmicas da área.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao finalizar esta experiência destacamos a possibilidade de trabalhar o conteúdo não hegemônico lutas na escola, sem a necessidade de se prender à cobrança de habilidades ou gestos técnicos perfeitos destas manifestações culturais. Além disso, é possível proporcionar aos alunos um conhecimento amplificado e crítico, englobando as três dimensões do conteúdo, e respeitando as individualidades de cada aluno que expressa de forma diferenciada golpes, defesas e se movimenta de acordo com seu repertório motor, cultural e de vida.

É justamente pelo fato da Educação Física na escola não objetivar a formação de atletas ou lutadores, que podemos ministrar aulas deste

conteúdo sem necessariamente possuir experiência vivencial como lutador(a), proporcionando experiências significativas para o alunado, utilizando estratégias como vídeos e jogos pré-esportivos. Por fim, destacamos que o relato aqui descrito se constitui em uma das inúmeras possibilidades da Educação Física na escola, possuindo avanços e limitações decorrentes da tentativa sempre inacabada de aperfeiçoamento da nossa prática docente. E que, embora tenha se constituído em uma experiência curta de dois encontros, fica o registro de possíveis desdobramentos como a apreciação dos filmes trabalhados em trechos para ampliar a discussão e o conhecimento dos alunos, bem como o planejamento de mais vivências diversificando a experiência a partir de diferentes lutas.

## REFERÊNCIAS

CANTANHEDE, A.L.I. et al. O karate na escola como ferramenta educacional. Um enfoque crítico. **EFDeportes**, Buenos Aires, Año 15, n. 148, set., 2010. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd148/o-karate-na-escola-como-ferramenta-educacional.htm> >. Acesso em: 14 jul. 2014.

CHAVES, P.N.; ARAÚJO, A.C. *Million Dollar Baby*: Um marco na representação Hollywoodiana do gênero no esporte. **Recorde: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p.1-13, jul/dez, 2013.

HIRAI, Rodrigo Tetsuo; CARDOSO, Carlos Luiz. Para a compreensão da Concepção de “aulas abertas” na Educação física escolar: orientada no aluno, no processo, na problematização, na comunicação. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v.18, n. 27, p. 119-136, Dez, 2006.

MARTINELLI, C. R. et al. Educação Física no Ensino Médio: motivos que levam as alunas a não gostarem de participar das aulas. **REMEFE: Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 5, n. 2, p.13-19, 2006.

NASCIMENTO, P.R.B.; ALMEIDA, L. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 91-110, set/dez, 2007.

ROSÁRIO, L.F.R.; DARIDO, S.C. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz**, Rio Claro, v.11, n.3, p.167-178, set/dez, 2005.

TIBÚRCIO, Larissa Kelly de Oliveira Marques. Relações de gênero na educação física escolar: breves incursões in: **PAIDÉIA: Revista Brasileira de Ensino de Arte e Educação Física**, 2008.

**Recebido: 16 agosto 2014**  
**Aprovado: 19 janeiro 2015**  
**Endereço para correspondência:**  
**Paula Nunes Chaves**  
**Rua Pindorama, 73**  
**Nossa Senhora da Apresentação**  
**Natal – RN**  
**CEP: 59114-215**  
**paulinha\_nunes3@hotmail.com**